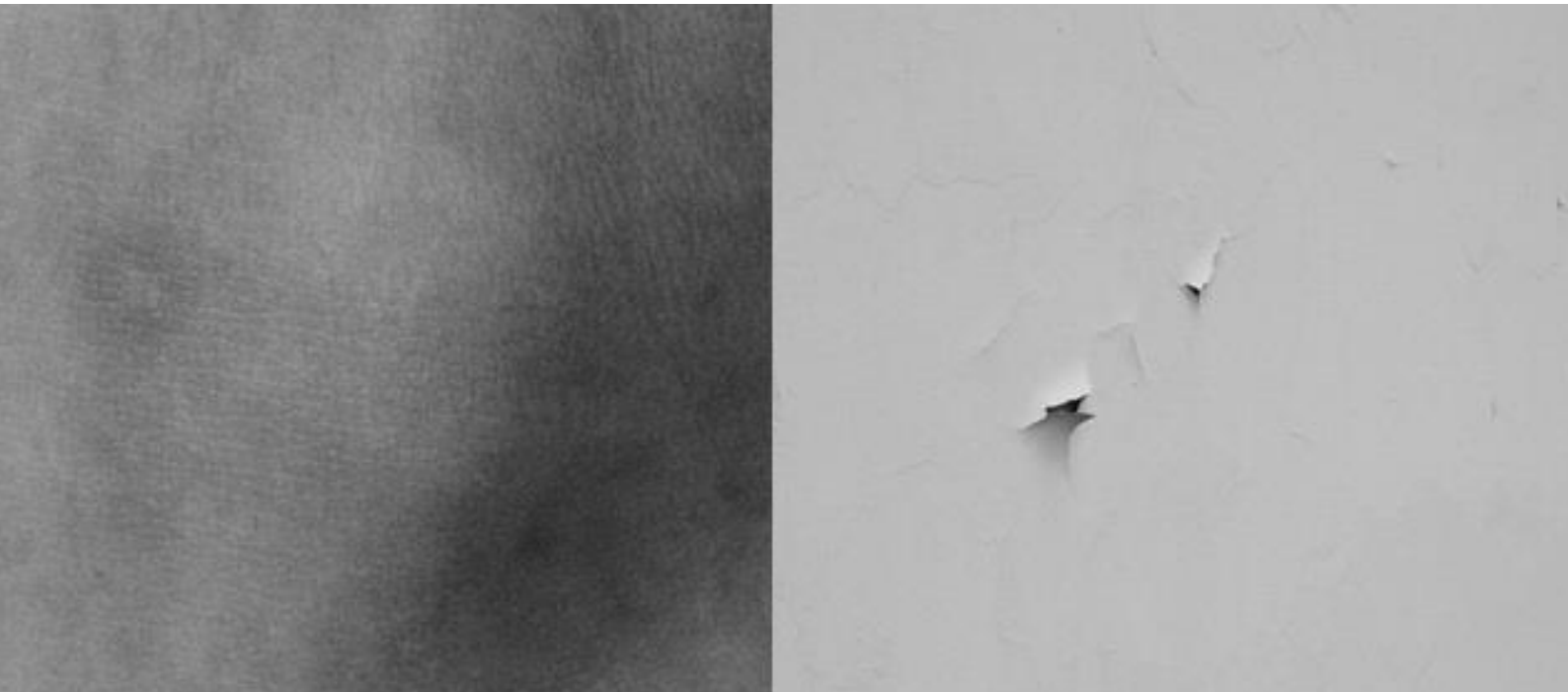


**LUGARES-CAMINHOS: EM BUSCA DA
AUTONOMIA NA ESCOLA**



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

JÚLIA ELENA ALVAREZ NOBRE REMOR

LUGARES-CAMINHOS: EM BUSCA DA AUTONOMIA NA ESCOLA

CRICIÚMA

2019

JÚLIA ELENA ALVAREZ NOBRE REMOR

LUGARES-CAMINHOS: EM BUSCA DA AUTONOMIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2019

JÚLIA ELENA ALVAREZ NOBRE REMOR

LUGARES-CAMINHOS: EM BUSCA DA AUTONOMIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutora em Ciências da Linguagem –
(UNISUL) - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestre em Educação – (UNESC)

Profa. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestra em Educação – (UNESC)

Dedico esse trabalho a _____

e também a _____.

Não ia me esquecer de você, _____.

(Dedique a alguém que você gosta.)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos dias de sol, que me fazem sobreviver aos de chuva. Agradeço
a minha família, em especial minha mãe,
que me cuida de perto e de longe.
Carrego o amor de vocês comigo.

Aos lugares que conheci.

Me senti bem e parei para ficar um tempo,
deixei a brisa passar, para que pudesse seguir adiante.

Fui em frente.

Agradeço a todos os meus amigos e às pessoas com as quais troquei ideia
durante esse trabalho, vocês foram essenciais na minha fundamentação e na minha
vontade de escrever sobre esse tema, esse registro é nosso, sintam-se abraçados.

Agradeço às madrugadas de lua.

Muitas coisas aconteceram nesse percurso de vida,
me vi morrer e nascer, repentinamente e agora entendo isso como uma coisa
boa, então, obrigada ao tempo,

que permitiu que eu conhecesse meu entorno e assim me conhecesse.

Um agradecimento especial aos meninos Julio e Bini que fizeram desse trabalho um
lugar sublime.

**“Aprender para nós é construir, reconstruir,
constatar para mudar, o que não se faz sem
abertura ao risco e a aventura do espírito.”**

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa se insere na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESCO, e tem como objetivo investigar como vem ocorrendo as mediações de convivência dentro das escolas. Para tanto, apresento assuntos pertinentes para a pesquisa trazendo vivências de minhas passagens pelos estágios obrigatórios, temas que nascem da observação e criação de projetos com a ideia de libertar o corpo, buscando por autonomia na escola, entre os diferentes públicos com quem atuei. Perceber e problematizar a comunicação que permeia a rotina dessas crianças, adolescentes e adultos nas escolas em que passei. Tudo que vivi está por aqui, inclusive os *desvios* de uma professora-artista. Tomo como base teórica pesquisadores(as) como Paulo Freire, Maria Velozo, Nízia Villaça, Mia Couto entre outros. Um dos meus principais questionamentos é de que forma o convívio em instituições de ensino, contribuem para a construção de uma identidade autônoma. Esta pesquisa é realizada de forma descritiva, com uma abordagem qualitativa e de natureza básica. A arte e o ensino dela, podem mudar a sociedade em que vivemos, melhorando a comunicação, podemos diminuir conflitos e respeitar as diferenças.

Palavras-chave: Ensino da arte. Autonomia do aluno. Processo. Educação e arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 Linha de ônibus. Júlia Elena. Desenho. 2018	15
Imagem 2 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019.	24
Imagem 3 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019	25
Imagem 4 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019	26
Imagem 5 Caça-Bandeira. Júlia Elena. Fotografia. 2018	37
Imagem 6 Caça-Bandeira. Júlia Elena. Fotografia. 2018.	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ÁRVORE DE AMORA – PONTO DE PARTIDA	12
2.1 O BALANÇAR DO CORPO	16
3 CANTINHO DA FELICIDADE – PONTO DE ENCONTRO	20
4 SALA DE TEATRO – PONTO DE CONEXÃO	28
4.1 UM PONTO COM ENDEREÇO	35
5. PROJETO DE CURSO: PONTO DE PASSAGEM	39
5.1 EMENTA	39
5.2 CARGA HORÁRIA	39
5.3 PÚBLICO-ALVO	39
5.4 JUSTIFICATIVA	39
5.5 OBJETIVOS	40
5.5.1 OBJETIVO GERAL	40
5.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	40
5.6 METODOLOGIA	40
REFERÊNCIA DO PROJETO	41
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
7. REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE A – PONTO DE FUGA	45

1 INTRODUÇÃO

Sirva seu café
Sinta-se à vontade
Conte uma história
Deixe saudade...

(Karol Fernandes)

Esta é a fração de um poema que ganhei de uma pessoa especial, lhes digo, é isso, fica à vontade, pode entrar, tirar o sapato, pode abrir a geladeira, o banheiro é ali a direita, a porta tem um jeitinho de abrir, mas é fácil, só não repara a bagunça, tá? Não sei o que aconteceu, parece que passou um furacão, é que aqui em casa é assim mesmo, entra e sai gente toda hora, cada dia ocupamos um espaço diferente, às vezes, quando dá aquela enjoada, trocamos os móveis de lugar, colamos uns trabalhos aleatórios na parede, deixamos um espaço livre para criar coreografias e deitamos no chão onde vemos o céu e a vida passando lá fora.

Seja bem-vindo!

Em alguns momentos do texto aparecerão verbos no plural como *fizemos* e *pensamos*, isso se dá pelo fato de que não me vejo só nesse percurso de formação, evidencio esse caminho como **nosso**, de meus amigos guerreiros que escrevem suas pesquisas e estão conhecendo outros lados de si mesmos, assim como eu, estamos em obras.

Esse lugar, que é nosso, reúne pessoas diferentes em um canto do espaço no mundo, acabo me lembrando da palavra *casa*, que se desdobra uma vez que percebo que por meio de minhas passagens, construo moradas e conseqüentemente, os lugares se constroem em mim, transformando-me em um espaço híbrido, um corpo-memória. As pessoas que passaram por aqui abriram e fecharam portas. Essa escrita é um registro do que carrego nos cafofos dessas lembranças entrelaçadas, misturadas, confusas e compartilhadas.

É como as cartas que deixava por baixo da porta da minha mãe, pedindo desculpas por algo que eu havia feito, ou escrevendo coisas difíceis de dizer em voz alta, mas, que precisavam ser ditas, e mesmo que ela não me respondesse na hora, sabia que, pelo menos, agora, pesava menos aqui dentro. Então, não quero, tampouco, que você leitor, sinta-se sozinho nessa via, estamos juntos nessa, interligados pelo fio condutor do querer.

Esta pesquisa percorre através de uma classificação de natureza básica e qualitativa, com procedimento técnico bibliográfico, seguindo a linha de pesquisa em Educação e Arte, com problemáticas voltadas aos relacionamentos entre os corpos que habitam a escola, que convivem diariamente lá (ou não) – alunos, professores e equipe diretiva. Como isso afeta diretamente nossa formação humana, sensível e crítica como sujeitos históricos? De que forma podemos compreender essas relações, para assim, melhorá-las?

Utilizo a narrativa como método de pesquisa, pois ao compartilhar e ouvir histórias sobre vivências escolares, percebo a importância de trabalhar a autonomia entre os membros que ali transitam. Dando vida a um lugar de conhecimento, de possibilidades e de posicionamentos.

A partir de algumas inquietações busco subsídios para compreender e refletir as problemáticas que me movem, objetivando esta pesquisa a investigar o espaço que essas convivências escolares possuem na construção de nossas identidades, por onde passamos e ficamos, lugares que nos levam ao hoje e ao agora. Aqui você encontrará registros de caminhos passados e futuros que percorrem o entendimento de nossas ações cotidianas, do corpo, das memórias que ele carrega e aprende a expressar. É um trabalho expressivo.

Diversos questionamentos que me intrigaram, especialmente durante minhas experiências com o estágio obrigatório refletem na pesquisa. O ponto focal é a comunicação (ou a falta dela) entre os três seguimentos que compõem a escola (Equipe diretiva, professores e alunos). Comecei a me perguntar: onde está a **voz** dos alunos dentro das escolas? As aulas promovidas possibilitam a **expressão** dos alunos? Existe uma construção do espaço escolar em **coletivo**? A gestão está preparada para lidar com a **diversidade** de pessoas e disponibilmente **acessível** para receber dúvidas ou críticas? O **corpo** está sendo trabalhado na disciplina de Artes? Minha intenção é que você lembre como era a sua escola e o que acontecia nesse meio, para pensarmos e percorrermos juntos.

Esse lugar citado, não é somente um espaço físico, material, é mais que isso! São ações e reações das pessoas que ali se encontram dia-a-dia e trocam conhecimento constante. O título lugares-caminhos foi quando cheguei na conclusão que as pessoas fazem e transformam os lugares, assim como os amigos fazem a

festa. São essas trocas com o diferente de nós que nos possibilita enxergar novos caminhos.

Para isso, criei um mapa¹ que contempla lugares afetivos para mim, em uma dessas casas que fiz morada, a UNESC. Essa universidade me recebe desde 2009 com muito carinho, me senti acolhida ao entrar na quinta série no Colégio UNESC, no sexto ano no Colégio de Aplicação e, posteriormente, em 2016 na graduação, aonde fiz amizades com colegas e professores incríveis que me impulsionaram até aqui, com ou sem intenção, obrigada de coração!

Estes lugares afetivos nomeiam os capítulos que constituem esta pesquisa. O primeiro capítulo recebe o nome *Árvore de amora: ponto de partida*, onde discuto as limitações que permeiam o cotidiano das crianças na Educação Infantil em uma escola da cidade onde resido, Criciúma, trazendo autores como Marcia Strazzacappa, Paulo Freire e Vera Lúcia Bertoni dos Santos para o diálogo.

No capítulo dois *Cantinho da felicidade: ponto de encontro*, trago reflexões sobre o descaso que as instituições públicas sofrem, analisando e inserindo-me nesse espaço, construindo um projeto que utilize da arte como ocupação, protesto e resistência, atuando em prol da escola, com a mesma e os alunos do sexto ano do Ensino Fundamental. Aqui, diálogo com teóricos como André Mesquita e Maria Velozo.

No capítulo três, *Sala de teatro, ponto de conexão*, são aprofundadas as dinâmicas realizadas com jovens do Ensino Médio a partir do Teatro e *Performance* como suporte para romper barreiras de aproximação com o outro que são impostas diariamente e pouco discutidas na escola e na vida.

No meio do caminho existirão alguns *desvios*, aonde apresento algumas criações produzidas por minhas experimentações² com as diferentes linguagens artísticas durante o curso de graduação. É o que tenho por enquanto, meus trabalhos são efeitos de mim e de minhas expressões de amores passados, passado de passar a adiante, se é reprimido, não me serve de nada, então, espero que aprecie, goste, e que você, caro leitor, possa se perceber nela também.

Partiu!

¹ Neste endereço encontra-se o mapa: <https://www.relive.cc/view/vLqeNNB9oRv>

² Termo criado pela pesquisadora

2 ÁRVORE DE AMORA – PONTO DE ENTRADA

Quando raízes – raízes antigas, mortas, de árvores que não existem mais – surgiram em nosso caminho, Weiwei disse que pelas raízes podemos descobrir como é uma árvore. [...] Essas árvores são a evidência de uma conexão muito antiga com o solo, fonte de toda cultura.³

Certo dia, minha avó disse que o primeiro ponto é tão importante quanto o último, então início esta pesquisa com essa epígrafe do curador Marcello Dantas⁴, para a exposição do artista ativista social Ai Weiwei⁵, intitulada *Raiz*, partindo das ações realizadas nos diferentes países em que ele atuou, sendo o Brasil, um deles.

Tive o prazer de prestigiar essas obras, sem me desvencilhar do olhar para educação, trago a reflexão de que em nossa infância, é a fase de estabelecer primeiros contatos com o mundo, onde criamos raízes, que nos dão força para crescer. Quando crescemos, os primeiros contatos estarão sempre guardados e refletirão muito em nós, mesmo que inconscientemente. Trago minhas experiências como modo de entender o que se passa nas escolas, nos diferentes níveis de escolarização.

Durante o quinto semestre do curso de Artes Visuais, mais precisamente em maio de 2018, tivemos o primeiro estágio obrigatório. O meu aconteceu na Escola de Educação Básica Ludovico Coccolo, localizado no município de Criciúma. Conheci a turma dos espoletas⁶. As crianças da educação infantil, de seis anos, eram sensíveis e com opiniões fortes, com tanta energia que não cabiam em si, mas, o espaço em que se encontravam, exigiam regras e horários a serem cumpridos, o que os tornavam muito mais organizados e metódicos do que eu, por exemplo.

Havia a hora de comer, de dormir, de brincar, de ficar sentado fazendo atividade, de ir ao banheiro, de ouvir, de falar, hora para tudo, com tantas responsabilidades e pessoas fiscalizando suas ações. Contudo, nós humanos somos organismos divergentes, que exercem funcionalidades diferentes, corpos distintos e realmente me preocupa o funcionamento dessa rotina com os pequenos, pois eles têm apenas seis anos de idade, não parece conveniente toda essa cobrança de rotina.

³ Trecho retirado do catálogo da exposição *Raiz* de 2019.

⁴ Marcello Dantas (1967) diretor artístico e curador brasileiro.

⁵ Ai Weiwei (1957) é um artista chinês, designer arquitetônico, artista plástico, pintor, comentarista e ativista social.

⁶ Pessoa frenética, peralta, danada.

Se nós somos nosso corpo, se é por meio do corpo e todos os sentidos que aprendemos, se estamos em constante movimento como seres inacabados, o que acontece na escola em que a criança é tolhida de sua possibilidade de mover? Em que a criança a partir dos seis anos de idade é colocada sentada em uma cadeira por horas a fio? Em que a criança perde o direito de se locomover livremente na sala? Em que a criança não pode conversar com os colegas? Em que suas necessidades fisiológicas mais básicas, como comer, beber e urinar devem cumprir um horário estabelecido pela instituição? Que educação de corpo é essa? (SANTOS, 2004, p.95)

Tais limitações fazem parte do cotidiano dessas crianças, mas na aula de Artes, com esse professor, era diferente. Ele possuía uma abordagem de magia, contava histórias, cantava músicas e cantigas, apresentava curtas brasileiros e os instigava a criarem o que viesse de dentro, contextualizando com o aprendido, abrindo espaços de fala e criação.

É importante observar que toda ação da criança com relação a um objeto novo é condicionada pelo todo da sua vida moral. Seja através de fatos físicos, que se repetem de forma a favorecer os esquemas motores de previsão, ou seja através das regularidades impostas pelos adultos, a criança, desde que nasce, passa a sofrer a pressão da noção de regularidade, não sendo capaz de discernir os próprios rituais daqueles a que obedece por força externa. (STRAZZACAPPA, 2018, p.99).

Esse professor ensinou-me a observá-las, afinal, eram pessoas pequenas com grandes personalidades, em sua fase lúdica e artística, especialmente curiosos e impacientes. Gosto de perceber essas interações dentro da sala de aula, como se dá o funcionamento do relacionamento professor-aluno, aluno-professor, pois influencia diretamente como se darão as atuações das atividades.

A sala de aula virava uma máquina do tempo, ou um tele transportador. Um dia fomos para o espaço sideral e criamos nossas próprias espaçonaves, outro, falamos com as galinhas e nos soltamos na dança. Era confortável, sabe? Tornava-se produtivo sem forçar nada, cada um se comunicava do seu jeito, era um momento de troca, trocar histórias, trocar abraços, trocar perguntas, trocar de lugar, trocar de si com o outro. Era um ponto de encontro com a fantasia que já existia dentro deles, porém era contida dentro dessas restrições, e agora, nesse mesmo pedaço de chão, transformado por um professor e suas histórias, tornava-se aflorado.

Quer tarefa maior para a educação, que é nada mais, nada menos, do que a construção contínua da humanidade, partilha da cultura, configuração da

cidadania, aposta no aprimoramento da qualidade – das ações, das relações, do saber, da vida? Quer tarefa maior para a arte que nos pega, de repente, no cotidiano, nos transporta a esse mesmo cotidiano, transformado, ou a mundo nunca antes visitados, e nos aprisiona, nos liberta, nos perturba, nos encanta, exige o exercício infinito da imaginação, propõe o desafio de acreditar no que não é acreditável? (RIOS, 2018, p. 23-24)

Arte e vida caminham juntas. Sem a vida, a arte não seria possível e sem a arte, a vida não seria a mesma, no sentido de que precisamos expressar seus percursos e seus desfechos. Um dos fechos que destravo, é abrir o olhar para o cotidiano, perceber que nesse vai e vem, vem e volta, a arte tem potência e talvez naquele percurso que você faz todos os dias existe algo ainda não percebido, ou percebido demais, uma repetição, um trânsito, até o esperar no seu ponto de ônibus. Será que sempre estamos presentes de verdade?

Villaça (2014, p. 90-91) enfatiza que:

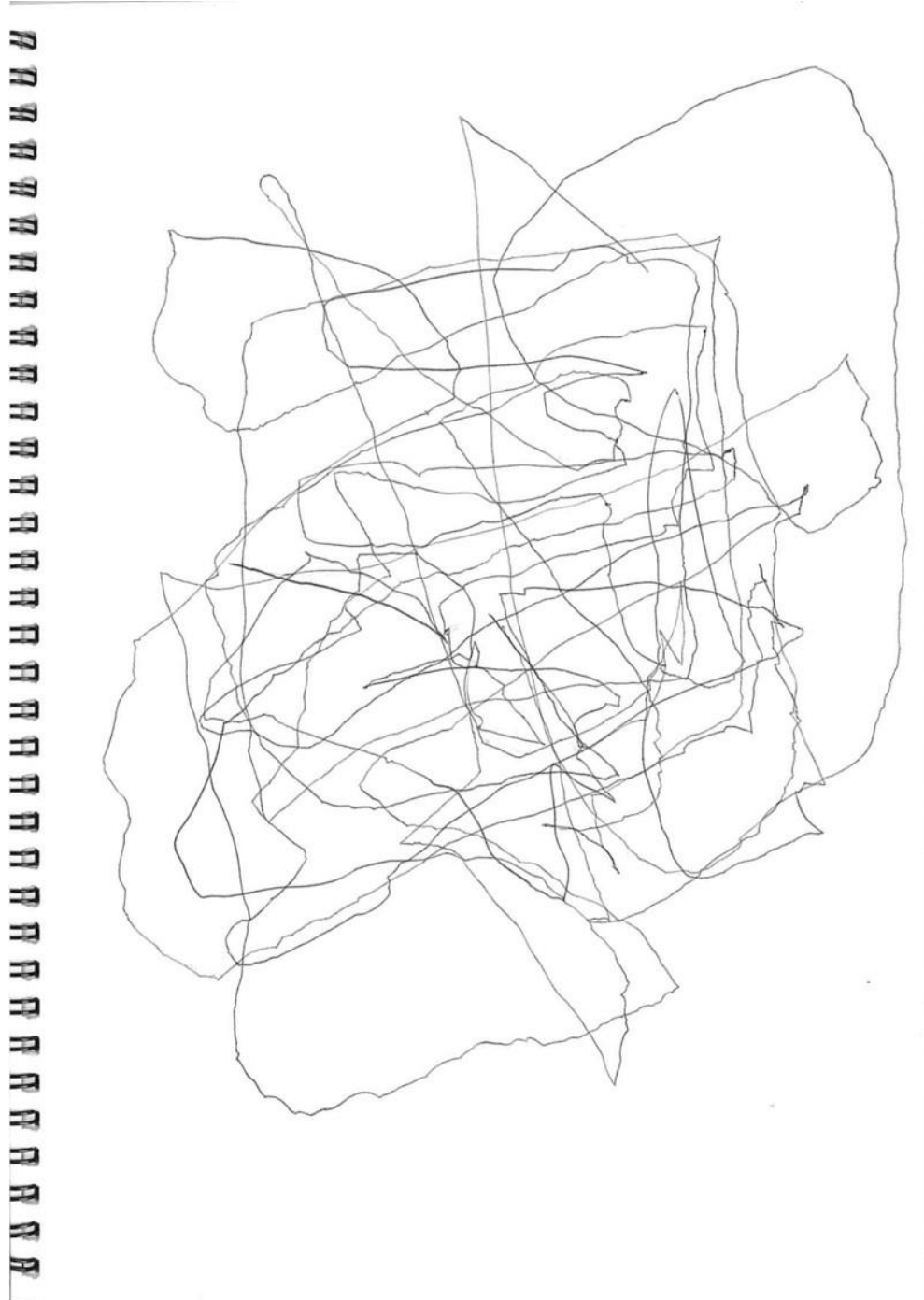
São sobretudo as manifestações artísticas contemporâneas que vão questionar as regras de proxemia e comportamento corporal, estimular novos contatos, novas posturas e uma nova liberdade de inspiração natural, selvagem, infantil ou mesmo tecnológica (contatos virtuais).

Falando em ponto de ônibus, pego o mesmo *busão*⁷ com destino à UNESC há dez anos. Na aula de desenho contemporâneo, na graduação, começamos a observar o caminho do dia-a-dia diferente, desenvolvendo percepções sobre cultura visual, acendendo nossas produções de acordo com nosso olhar para o mundo ou para o movimento corriqueiro da vida cotidiana, na cotidiana ação de pegar o mesmo ônibus, por exemplo.

Imagine que estamos sentados lá dentro, quase no fundo, você está na janela, em seu colo está um caderno e uma caneta, você espera o ônibus ligar, prepara-se fundo e paira a mão sobre o papel, deixando que o movimento do ônibus faça o riscar da caneta. Se preferir, feche os olhos, para concentrar melhor. Essa foi a ação que realizei no ônibus, e aqui apresento meu primeiro *desvio*, minha primeira parada: **LINHA DE ÔNIBUS.**

⁷ Fala coloquial

Imagem 1 Linha de Ônibus. Júlia Elena. Desenho, 2018.



Fonte Acervo da pesquisadora

2.1 O BALANÇAR DO CORPO

É através do corpo que passamos pela experiência com a arte, pela experimentação das coisas, que tocamos, sentimos e sentimos muito, eu sinto muito em sentir as coisas e percebo que nesses lugares-caminhos, construímos nossos eus, como algo nosso, através de nossos sentidos. Nós já somos algo, sempre fomos e vamos ser, nos constituindo através da interação com o mundo.

Em uma relação entre arte contemporânea e a vida cotidiana, Honoratto (2015) discorre afirmando que:

Um ponto marcante da arte contemporânea são as relações que estabelecem entre as linguagens tradicionais da arte, assim como a constituição de novas linguagens. As linguagens tradicionais, pintura, escultura, desenho, música, teatro, literatura, se misturam e novas formas de expressão surgem como a *performance*, as intervenções, as instalações e mais. Formas essas que cada vez mais se aproximam da vida cotidiana.

Quando somos crianças, esse mundo é algo totalmente novo, incógnito, um momento de descobrir tudo, nada tem um significado imediato, a fantasia toma conta de nossa imaginação e em um piscar de olhos somos outra coisa e criamos outros lugares, sem sair deste. Esse *novo* mundo vai sendo adormecido pelo tempo, quando começamos a definir e ter certeza demais das coisas, quando *adultecemos*, acontece a perda da ingenuidade de permitir que a imaginação flua naturalmente, sem criar barreiras, nós mesmos criamos limitações para as nossas reações, ou você nunca engoliu choro na rua?

Então, é questionável, como um adulto entenderá as reais vontades de uma criança que pensa totalmente diferente dele? O sistema de educação em que estão inseridas de acordo com Santos (2004, p.8) leva a uma incompreensão do olhar da criança:

Foram apresentados a um professor que tinha pensado e escrito muitas coisas sobre as descobertas da criança e que, como eles, se indignava com os adultos que insistem em achar que o que eles sabem e acham que a criança deve saber é o que ela deve saber, que não dão a menor bola para o que ela quer e precisa realmente saber e que não entendem, nem podem entender as descobertas delas, porque não sabem como fazer para ajudar isso acontecer.

Por isso é importante brincar, sujar, correr, ralar o joelho, de ser criança. De crianças conviverem com outras crianças e terem a oportunidade disso, de viver a infância, para depois lembrar com carinho, e não se tornarem adultos frustrados e rabugentos. Porém, as realidades são encontradas das mais variadas formas, um exemplo não se aplica para todo mundo, as pessoas passam por traumas e enfrentam grandes dragões, ainda pequenos, por conta de suas histórias e da falta de oportunidade, encaram problemas da vida como sujeitos históricos.

Nesse e nos outros estágios, carrego quase uma necessidade de sair das quatro paredes da sala de aula e ir para a rua, ocupar outros espaços, explorar e dar novos significados num todo, pois é assim que vejo a arte, uma saída, um ponto de fuga da realidade sem sair dela. Aprendi que observar o espaço em que estamos nos inserindo é muito importante, pois ali encontramos questões e procuramos meios para que o projeto de estágio seja voltado para aquela situação específica, que nós, (de fora desse cotidiano) enxergamos e problematizamos junto com pessoas que estão ali todos os dias.

Aprender a profissão docente no decorrer do estágio supõe estar atento às particularidades e às interfaces da realidade escolar em sua contextualização na sociedade. Onde a escola está situada? Como são seus alunos? Onde moram? Como é a comunidade, as ruas, as casas que perfazem as adjacências da escola? Que fatores explicam a constituição dessa escola e dessa comunidade? Quais seus problemas e características e como interpenetram na vida escolar? Quais os determinantes históricos, políticos e culturais dessa realidade? Ao transitar da universidade para a escola e desta para a universidade, os estagiários podem tecer uma rede de relações, conhecimentos e aprendizagens, não com o objetivo de copiar, criticar apenas os modelos, mas no sentido de compreender a realidade para ultrapassá-la. Aprender com os colegas de profissão como é o ensino, como é ensinar, é o desafio a ser aprendido/ensinado no decorrer dos cursos de formação de estágio. (TARDIF, 2005, p.60)

Enxergo os alunos e professores como protagonistas da escola e a gestão como uma via que liga todos os componentes que cuidam desse meio, gerando um diálogo entre si. O que sinto falta é a compreensão de que os alunos não estão ali somente para obedecer, que o *mestre* não está ali para *transmitir* algo aos estudantes e a gestão não está ali para “colocar ordem”.

[...]a arquitetura escolar está intimamente ligada ao que se espera que aconteça na escola, aos fluxos humanos e de saberes, à origem das relações em termos de conhecedor ignorante, leitor-analfabeto, de diretor-dirigido, de fiscal-fiscalizado, de ajustado-desajustado, de professor-aluno. As relações

que se travam no âmbito pedagógico (conduzir o outro a) necessitam dessas diferenças; diferenças que determinam os lugares que cada um deve ocupar; arquiteturas que configuram-se como hierarquias, produzindo importante parte do que não se diz, do não dito que produz efeitos de escolarização. (GIOVANELLA, 2008, p.91)

Entretanto, ainda existem alguns rastros desse sistema de hierarquização do conhecimento no espaço escolar, que possui um formato vertical, de cima para baixo (direção – professores - e alunos), na graduação discutimos muito sobre a escola ser mais que isso, um lugar onde todos aprendemos, e acredito ser importante colocar em pauta esses problemas observados entre os cargos e idades, criando sim, uma hierarquização do saber nas decisões de atividades e do rumo da escola. Foi pesquisando que encontro outros lugares com diferentes organizações de ensino que mostram a ideia de um saber horizontal, que atinge todos os seguimentos da escola, reconhecendo que isso é importante e só tem a somar para as convivências.

Fora da escola, cada um possui a sua vida, seus próprios problemas, mas lá dentro, somos um corpo que respira e luta junto. Como afirma Linda Bimbi (1980) no prefácio que escreve na produção de Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*.

A originalidade do método Paulo Freire não reside apenas na eficácia dos métodos de alfabetização, mas, sobretudo, na novidade de seus conteúdos para conscientizar. A conscientização nasce em um determinado contexto pedagógico e apresenta características originais:

- a) com as novas técnicas, aprende-se uma nova visão do mundo, a qual comporta uma crítica da situação presente e a relativa busca de superação, cujos caminhos não são impostos, são deixados à capacidade criadora da consciência livre;
- b) não se conscientiza um indivíduo isolado, mas sim, uma comunidade, quando ela é totalmente solidária a respeito de uma situação-limite comum. Portanto, a matriz do método, que é a educação concebida como um momento do processo global de transformação revolucionária da sociedade, é um desafio a toda situação pré-revolucionária, e sugere a criação de atos pedagógicos humanizantes (e não humanísticos), que se incorporam numa pedagogia da revolução. (1980, p. 143)

Manifesto aqui o estudo desse professor, pesquisador e filósofo para o diálogo, pois ele propõe a defesa de uma educação que respeita a autonomia dos alunos, para a construção de um lugar sensível e de certa forma: mais livre de moldes.

Dialogando com os caminhos do livro *Volta ao mundo em 13 escolas: sinais do futuro no presente*⁸, de 2013, que consiste em uma viagem percorrida por

⁸ lançado em 2013, pelo Coletivo Educação. A obra é fruto de uma jornada iniciada por André Gravatá, Camila Piza, Carla Mayumi e Eduardo Shimahara que, entre junho de 2012 e junho de 2013, visitaram nove países em busca de histórias inspiradoras com novos olhares para a educação. – Link para

professores-pesquisadores por nove países, em busca de abordagens diferentes de aprendizagens, que visam o respeito a diversidade e a sustentabilidade. Reconhecem a arte como necessária à vida e acabam rompendo padrões de ensino pré-estipulados, com objetivo de “estimular mudanças nas práticas na educação”.

Me trouxe a visão de como as coisas podem ser, se quisermos que elas aconteçam *sei que não depende só de mim, ou de você, mas tenhamos esperança e consciência do possível, a mudança começa na gente*⁹. Durante a leitura percebo que os autores enfatizam, assim como Freire, a importância de propiciar **autonomia** aos alunos. Autonomia, que significa: gerir-se, pensar e escolher por si. E isso leva tempo. Uma das escolas visitadas desse projeto foi a Ser Criança, localizada no estado de Minas Gerais, Brasil, que propõe a ação das crianças em fase de alfabetização, aprenderem cozinhando com biscoitos:

A animação das crianças diante da mesa com ovos, polvilho, óleo, água e vasilhas se expressa no olhar agitado e no sorriso solto. Embaixo de um pé de manga, sentadas em banquinhos azuis, 15 crianças e duas educadoras conversam, ansiosas pelo início da biscoitada. Todos estão prontos para preparar um biscoito especial, com nome e sobrenome: biscoito escrevido. Quem inventou a receita? Não se sabe exatamente. É uma tradição da região, levada para dentro do espaço de aprendizagem de uma não escola chamada Ser Criança, que recebe meninos e meninas de 6 a 16 anos. (GRAVATÁ, 2013, p 65)

Sigo por esse raciocínio de aprender fazendo e nomeio meu projeto com a educação infantil de “LUZ, CORES, (INSTAL)AÇÃO!”. A partir do conteúdo de pintura, utilizando suportes diversos e instalação na escola, com o objetivo de ocupar esses outros espaços. A cena mais marcante que possuo de memória, foi quando nos direcionamos à quadra aberta após longos dias de chuva, todos eles saíram correndo, abrindo os braços e girando, quase pegando voo. A sensação de liberdade pairava, corremos todos juntos. Mas, e você leitor, já abriu as asas hoje? Já deu uma sacudida no esqueleto?

3 CANTINHO DA FELICIDADE – PONTO DE ENCONTRO

Estamos fugindo das regras,
 Esquecendo o procedimento padrão
 Eu estava aqui, eu estava agora
 E tudo isso, tudo isso
 Foi da hora
 Como se eu estivesse flutuando em uma nuvem
 Pelo universo a fora
 Sem sair do meu lugar

Este trecho foi retirado do espetáculo “*Só para contar estrelas*”¹⁰, do Grupo Cirandela. Trata do tempo e de como somos comandados por ele. Na trama, os personagens se rebelam contra o relógio, contra o tempo de ter hora para tudo. Apreciando, refletindo e observando a expressão dos atores, percebo a semelhança com o que quero passar aqui, a importância do tempo da gente.

Andando de bicicleta pela cidade num domingo, criando novas rotas, encontro uma escola no fim de uma rua, depois de um cruzamento de vias, no alto de um morro praticamente escondida, sem nenhuma sinalização que identificasse sua existência. Fiquei curiosa. Tive a intuição de fazer o segundo estágio ali e voltei quando estava em funcionamento, foi quando conheci a diretora. Percebi o quanto ela era envolvida com todas as pessoas, os alunos entrando e saindo de sua sala, o jardineiro e as queridas cozinheiras. Ela circulava, se fazia presente neste lugar.

[...] uma característica das organizações escolares de suma relevância para as práticas de gestão: a *cultura organizacional* ou a cultura da escola. Tem sido cada vez mais importante compreender a escola como lugar de construção e reconstrução da cultura, não apenas a cultura científica, mas a cultura social, a cultura das mídias, a cultura dos alunos, a cultura da escola. (LIBANÊO, 2013, p.33)

Durante nossa conversa, foi enfatizada a falta de visibilidade da escola, ainda mais em horários de pico, aonde os alunos descem a pé, passando por um cruzamento perigoso e sem placas. Ela relata que já foi solicitar à prefeitura melhorias nesse trajeto entre escola e ponto de ônibus mais de uma vez e, nada ocorreu, indaga-se na possibilidade de ser colocada em segundo plano devido seu pequeno porte, ou melhor, estrutura, por ser uma escola pequena com, na época, 300 alunos.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HbWJChUu8Ts&t=2104s> Acesso em: 01 de nov. de 2019.

Pensamos juntas e chegamos na conclusão de ir para a rua dar voz à escola de Ensino Fundamental Marechal Rondon. Assinamos os termos e comecei a observação com a professora responsável.

Assim, é papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza. (BRASIL, 1998, p. 31)

Os alunos do sexto ano do ensino fundamental eram *engraçados-sem-graça*, riam de coisas simples, até que essa coisa se transformava em algo muito engraçado e todos caíam na gargalhada. Em sua maioria, eram pré-adolescentes entre onze e treze anos de idade, aquela fase em que tudo é maior, as reações são exageradas, começam as fidelidades à filmes e séries queridas, revistas *teen*¹¹, as fofocas, os jogos de verdade ou consequência, o corpo mudando, a revolta, as borboletas no estômago, os *crushes*¹² e dúvidas, muitas dúvidas sobre toda essa transformação.

No primeiro encontro em que atuei pedi para que os alunos me apresentassem a escola, todos foram guias, visitamos o cantinho de cada um, onde passavam o recreio, se escondiam, jogavam bola e lá percorreram histórias. Uma porta de acesso.

Prosseguindo com o planejamento da aula, apresentando vídeos e fotos de produções de artistas brasileiros, destacando artistas regionais, dando visibilidade para os artistas ao nosso entorno que, desenvolvem projetos urbanos como – a arte de rua, pixo, grafitti, lambe-lambe e *stickers* (adesivos).

Elucidei que nossas aulas seriam voltadas para a produção desse material, que posteriormente seria colado, por eles, ao redor do cruzamento perto da escola, em protesto! Eles desacreditaram no início. Estavam acostumados a desenhar e pintar com um tema específico, com borda de dois centímetros e legenda, tudo para ganhar nota, não por expressão.

Ainda há um descaso ao encontrarmos professores que *mexem* no trabalho dos alunos, “arrumando os erros” que pensam existir. É desconcertante chegar em

¹¹ Voltadas para um público adolescente

¹² A paixão súbita

uma aula de Artes onde a diversidade estética e de pessoas acaba sendo corrigida pelo gosto estético do professor, *tem que ser assim, assim não*.

Encontrar um profissional que transgrida a liberdade de expressão de seus alunos, usando de suas facilidades pessoais para dar só uma *arrumadinha* na produção alheia, limita a marca identitária dos alunos e sua própria autoavaliação, seu próprio parecer da materialidade da sua expressão. Como afirma Freire (2011, p. 20.) “O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo.”

Decido trazer um contato diferente com a arte. Convido um artista da cidade para lhes contar sobre o movimento que existe aqui e como ao longo dos anos vem ganhando força. Álvaro, que assina como VARO, foi um colega que conheci primeiro nas ruas, por seus adesivos e lambes pela cidade, ele foi de extrema importância nessa aula, trazendo reflexões aos alunos, de que os artistas não estão apenas expondo nos museus, eles estão a nossa volta, bem perto de nós e que podem ser e fazer várias coisas, transitando pelas linguagens artísticas contemporâneas. Varo trouxe sua maleta com canetões, *stickers* prontos e outros em branco, deu uma aula sobre *tags*¹³ e criação, alguns alunos reconheceram suas marcas na rua de casa, ou perto do trabalho do tio, foi um dia diferente, como uma oficina, sem muita formalidade, mais uma roda gigante de ideias e produções.

É por meio de uma estética de resistência que muito dos artistas-ativistas tem trabalhado, reinterpretado o conceito de "cidade subjetiva" que engaja tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos. E essa re-singularização do coletivo tratou de intervir de forma polissêmica na produção cultural e semiótica do capitalismo, recuperando o espaço através de ações poéticas e efêmeras, ou pelo uso de táticas midiáticas, intervenções no circuito das galerias e alterações nos sistemas oficiais de informação, denunciando problemáticas locais, nacionais e mundiais. No campo artístico, a escolha de um ativismo cultural se define pelo emprego de imagens efetivas e o uso dos meios culturais em busca de mudança social. Seja qual for a sua mediação, toda a intervenção é uma prática que tem, predominantemente, efeitos políticos e uma tomada de posição. (MESQUITA, 2006, p. 1-2)

Se posicionar é importante. Então assim como Álvaro trás seu ativismo e reconhece-se como atuante na sociedade, me posiciono aqui como artista, pesquisadora e professora, que vive em uma área urbana conturbada, com pessoas

¹³ Assinatura criada por artistas urbanos

diversas, mas que ainda buscam constantemente encontrar a perfeição de si e perfeição alheia. Mas oras bolas, a cidade não é um corpo também? Não é algo que respira, pulsa, grita e amanhece todo dia diferente? A perfeição não existe, é algo inatingível e que bom! Que ótimo ser imperfeita, morar em um lugar imperfeito e fazer trabalhos imperfeitos, fico feliz em levar isso além de mim, para que as crianças percebam também, que não precisam alcançar as expectativas de outros, mas sim as suas. Quanto antes perceberem isso e trabalharem suas próprias decisões autônomas, pode trazer benefícios ao seu futuro. Colar papéis na rua, com cola e um rolinho, e entender que esse ato é em nome da escola, individualmente e em grupo, proporcionou que eles encontrassem suas próprias vozes, o que queriam dizer para a rua, para o mundo.

Quando fomos colar os lambe-lambes e *stickers* na rua, os alunos colaram em lugares estratégicos para que todos conseguissem ver. Foi uma bagunça, uma bagunça organizada, todos respeitaram a hora de ir e voltar, de esperar o outro. Finalizamos o estágio assim, satisfeitos e cansados, foi um agito e era um dia quente. Na hora de ir embora os alunos estavam descendo o morro e pude ouvir murmúrios de *“esse foi eu”, “o nome disso é lambe-lambe, daí fica ai, mas a gente estudou que quando bota na rua, é da rua”*.

Para o crítico e curador francês Nicolas Bourriaud, a arte contemporânea *modela mais do que representa*, e quando representa alguma coisa, é quase sempre o desabamento da *“concepção aristocrática do arranjo de obras de arte, associada à sensação de aquisição territorial. Em outras palavras, não é mais possível entender o trabalho contemporâneo como um espaço através do qual se deve caminhar [...], mas como um período de tempo a ser vivido, como uma abertura para discussão ilimitada.”* O espaço público da cidade é um não-território e anti-aristocrático por natureza, e por isso se presta muito bem às práticas artísticas que Bourriaud descreve. (JAHN, 2013, s/n.)

Nessa atuação, me recordei do dia em que esculpi minha primeira escultura, que é muito querida até hoje, tem um formato de folha com lábios saltados. Depois de um tempo olhando e revisitando sua força, senti que ela precisava ser mais do que um objeto em cima da mesa de casa, por isso a fotografei e imprimir em seu tamanho real, para espalhar pela cidade. Encontrei o VARO várias vezes, pois peguei minha bicicleta e fui, coleí na cidade inteira a **VAGIFOLHA**

O artista procura estabelecer uma relação direta com o espectador e, principalmente através da provocação de uma nova percepção do tempo e

espaço, assim como uma nova forma de situar-se no lugar, não só reconhecendo tal lugar, como reconhecendo-se como sujeito histórico, capaz de sustentar uma atitude crítica diante dos lugares. (VELOZO, 2008, p. 24)

Imagem 2 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019



Fonte Acervo da pesquisadora

Imagem 3 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019



Fonte Acervo da pesquisadora

Imagem 4 Vagifolha. Júlia Elena. Lambe-lambe. 2019



Fonte Acervo da pesquisadora

Lembro que minhas manifestações artísticas foram afloradas quando estava no sexto ano. O professor de Artes, foi quem nos apresentou o teatro, (que no futuro me receberia ocupando o cargo de coordenador do curso de Artes Visuais desta instituição) que até então era distante de mim, era o que eu pensava.

Ele criou uma oficina, extracurricular, aonde praticávamos jogos de improviso, exercícios de concentração, de voz, músicas, trabalhando algo que nos é podado: a liberdade de fazer coisas ridículas sem medo e receios de julgamentos, pois no fim, o ridículo era sublime, acho que a palavra certa seria: euforia.

Depois de um tempo, esses encontros deixaram de acontecer, mas continuamos as tardes de teatro na escola, por nós mesmos, por vontade própria. Em outras disciplinas como Biologia, História e Espanhol, as professoras solicitavam coisas diferentes também, pois sabiam que gostávamos de mexer com o corpo. Era algo criado por nós e para nós, mas provocado por eles, pelas professoras e professores. Cresci tendo exemplos incríveis de como podemos inventar alguma coisa todos os dias. Foi uma das fases que ampliou possibilidades, me marcando tanto que foi uma das lembranças que me fizeram escolher meu percurso formativo e consequentemente o nome deste capítulo.

[...] o lugar do professor como mediador que conecta o aluno ao mundo. Esse encontro permite ao aluno deixar seu imediato mundo da vida e entrar no mundo do tempo livre. Neste sentido, um método de ensino deve, constantemente, ser conectado ao mundo da vida dos jovens, porém, exatamente para removê-los de seu mundo de experiência. (MASSCHELEIN, 2013, p.57)

Conhecendo a escola guiada pelos estudantes no primeiro dia com o sexto ano, foi onde lembrei do meu *Cantinho da Felicidade*, nomeado assim por meus amigos e eu, onde nos soltávamos, ríamos alto, brincávamos e nos procurávamos. É inteiramente nosso até hoje, ajudou na construção de nossas identidades, de eu ser a Júlia de (hoje), essa que às vezes se perde, mas por lugares e momentos como esse, recorda, sorri e vive.

É preciso ter algo para nos segurar, do contrário, caímos. É lamentável, que crianças e jovens, cada vez mais sofram de ansiedade e depressão. Precisamos aprimorar nossos estudos e colocar em prática o que aprendemos, para que nesse mundo repleto de afã e sem tempo para nada, demos tempo a esperança de acreditar em si e mostrar meios para que isso aconteça.

4 SALA DE TEATRO – PONTO DE CONEXÃO

Eu não preciso do relógio batendo o meu tempo,
 o tempo inteiro
 Para!
 Você ainda vem me dizer para tirar das pessoas
 O pouco tempo que elas têm de liberdade
 Eu sei por quê!
 Pra que elas não tenham tempo pra pensar
 Pra que elas vivam somente pra gerar tempo pra você!
 O quê? Sem você o mundo entraria em colapso?
 Pois saiba, antes era tudo mais simples
 Era tempo e espaço
 Hoje, todos estão cheios de dedos
 Perdidos em seus ponteiros
 Que apontam sempre na mesma direção
 Eu tive tempo pra pensar!
 Eu tive tempo pra respirar!
 E cheguei a uma conclusão:
 Ocupamos nosso tempo
 Por que
 Em nosso tempo livre
 Encontramos revolução!
 E dela, você tem medo

O referido poema trata-se da epígrafe do espetáculo “*Só para contar estrelas*”, que me faz pensar que desde que nascemos, temos pessoas estipulando o tempo que devemos fazer algo. *Você é muito nova para isso, você já está velha para isso; se eu fosse você, faria diferente.* Quantas vezes nossa opinião foi consultada frente a uma exigência? Uma regra? Quanto tempo tivemos para construir e entender nossas próprias opiniões, nossos próprios caminhos?

Minha contribuição para esses questionamentos, é trazer discussões sobre o cultivo do respeito com a história do outro no espaço escolar, afinal, no que você acredita? Do que são feitas suas raízes? Trago isso para a atuação em sala de aula (ou fora dela), nos estágios, pois nasce um clima aconchegante para dialogar com a desconstrução de cada um. Nunca chego de forma autoritária em minhas atuações, percebo que é com carinho e ouvindo-os primeiro que alcançamos conversas fluídas sobre qualquer conteúdo.

O terceiro estágio foi com a turma do terceiro ano da Escola de Ensino Médio Engenheiro Sebastião Toledo Dos Santos, que recebe o apelido carinhoso de Colegião. A primeira visita de observação foi inusitada, os alunos estavam fantasiados. Era dia do mico. Havia gregos, com suas batas e folhas de louro na

cabeça, porém alguns não quiseram participar, ali já pude perceber as *panelinhas*. A professora estava passando o conteúdo sobre a Grécia antiga e vasos pintados à mão. A atividade consistia em recriar um vaso do Minotauro, fazer uma releitura a partir de um desenho em uma folha sulfite.

Por ser no período da tarde, parecia que o tempo demorava a passar, assim como as idas são mais longas que as voltas. Na primeira aula em que atuei, pedi para que escolhessem uma imagem que eu havia trazido, algo com o qual se identificassem e a partir disso contar três fatos sobre si. Comecei a apresentação para *quebrar o gelo*, depois, alguns foram rápidos e objetivos, como: gosto de comer, dormir e assistir televisão. Outros demoraram um tempinho, olharam para o teto, mexeram no cabelo, roeram as unhas, gaguejaram etc.

As respostas, por hora, tinham sido parecidas, mas aí surgiram *hobbies*¹⁴ como ler poemas e aprender a recitá-los, cantar, jogar um game específico de vídeo game, atuar, viajar, ler no ônibus. Coisas simples, uma porta de acesso.

A partir disso e da minha vivência como aluna em diferentes tempos de educação, percebo a carência de atividades onde o aluno tenha a oportunidade de contar sobre seu cotidiano e expressar-se a partir disso, sobre sua vida, um lugar onde as pessoas ouvem, mas também são ouvidas! No livro intitulado “*A Natureza e o Espaço*”, de Milton Santos (2006), ele afirma que: “A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas características analíticas internas.”

As primeiras dinâmicas com o terceirão foram brincadeiras modificadas do telefone sem fio e da dança da cadeira. Para a primeira, fizemos um círculo de costas uns para os outros, de olhos fechados onde a ideia era trocar a palavra por um movimento sem fio, passando de um a um até completar o ciclo. Fui a mediadora, notei a impaciência que tinham de esperar sua vez chegar, ansiedade que pesa o ambiente.

Na dança da cadeira, o esquema era o mesmo da brincadeira normal, o bônus era quem ficasse em pé (sobrando) teria a chance de convencer o resto da turma a continuar no jogo, mostrando alguma predisposição, um feito individual de livre escolha e em seguida haveria uma votação, fica ou não fica.

¹⁴ passatempo

O primeiro aluno a sobrar em pé foi um dos mais tímidos, fiquei nervosa, pensei: e agora? Não posso forçá-lo a fazer, mas quero que todos participem. Até que de repente, Samuka se posicionou lá na frente, fez alguns gestos com a mão, um giro e terminou em uma pose explicando plenamente: é do meu *game*¹⁵ favorito; olhei de canto e, todos da turma estavam boquiabertos, em seguida, uma salva de palmas, ele ficou na dança.

Houveram vários tipos de manifestações, uma menina cantou lindamente, outro deu uma cantada, uma desfilou, uma dançou funk, um deles recitou um poema, e houveram algumas desistências, mas no fim, tudo isso era para que eu pudesse ver suas singularidades, as particularidades que os movem a serem eles mesmos. Segundo Freire (2011, p. 31) é “a curiosidade ingênua, de que resulta indiscutivelmente um certo saber, não importa que metodicamente desrigoroso, é a que caracteriza o senso comum. O saber de pura experiência.”.

Amo a incerteza como amo a certeza. Mas talvez seja hoje necessário fazer um elogio faccioso a favor do que é incerto. Ao fim e ao cabo, a incerteza é um abraço que damos ao futuro. A incerteza é uma ponte entre o que somos e os outros que seremos. (COUTO, 2016, s.n)¹⁶

Após o choque de início, já no terceiro encontro, fomos ao auditório onde preparei um slide explicando o que continuaríamos a trabalhar dali para frente: o corpo. Começamos a refletir sobre a história do renascimento, onde o *homem* começou a voltar seus estudos a si e seus semelhantes, ao invés da busca por respostas divinas, esses estudos geraram uma visão antropológica e filosófica sobre o corpo e toda sua complexidade, até surgir emergências de definir o que é certo e errado, *o belo e o feio* (VILLAÇA, 2014).

Seguimos discutindo sobre a padronização e civilização dos corpos tanto comportamentais¹⁷ como estéticos¹⁸, imposta pela mídia comandada pelo capitalismo, acelerando as produções em massa na Revolução Industrial¹⁹, pós-guerra, onde tudo

¹⁵ Jogo

¹⁶ Trecho retirado do material educativo fornecido na Bienal de 2016 Incerteza Viva em São Paulo.

¹⁷ Nossas reações perante acontecimentos *extremos* como aniversários, falecimentos, até acontecimentos simples como entrar em um ônibus e não olhar nos olhos, ou conversar, aprendemos a passar despercebidos, ser discretos, caso contrário estaríamos ameaçando o equilíbrio

¹⁸ *isso eu gosto, isso eu não gosto*, quase universalmente

¹⁹ A Revolução industrial foi um conjunto de mudanças que aconteceram na Europa nos séculos XVIII e XIX. A principal particularidade dessa revolução foi a substituição do trabalho artesanal pelo assalariado e com o uso das máquinas.

mudou, tinham muitas coisas para vender e precisavam de muita gente para comprar, foi o que aconteceu: plantou-se a semente da insegurança em todas as pessoas, por não se encaixarem nos padrões televisivos e, como válvula de escape devem consumir coisas para suprir a falta de aceitação que nos foi plantada. Definiram-se padrões de beleza que são seguidos até hoje. Uma visão de mundo pronta e simplesmente aceita pela família tradicional, americana e posteriormente brasileira, renegando qualquer divergência daquilo que é diferente, consequentemente censurando, excluindo e, lhes pondo à margem.

A arte como ciência humana, vem contra esses discursos normativos, enaltecendo a diversidade como algo essencial para todos, onde o feminismo e todas suas vertentes se fortalecem e brigam por seus direitos, abrem-se discussões sobre gênero, de tempo-espço, do Brasil, da arte brasileira e sua potência, com o objetivo de expandir os significados definidos pela *versão certa*²⁰ da história, relatado por homens brancos, desacolhendo outras culturas, outras formas de vida possíveis que existem e em meio a todo esse patriarcado, resistem.

A arte vem para o combate. Nasce a *performance* como forma de expressão libertária do corpo, esse que é único e que deveria obter o direito de expressar-se como bem queira.

E a arte de apresentar não é apenas de tornar algo conhecido; é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, nesse sentido, ela traz esse algo para a vida. (MASSCHELEIN, 2017, p. 135.)

Relato exemplos da famigerada avó da *performance* Marina Abramovic²¹, que chega em seus próprios extremos emocionais e físicos em suas *performances*, transgredindo o senso comum da ideia primitiva de mulheres serem frágeis, e precisarem de ajuda (não sendo capazes de produzir conhecimento). Marina traz forças, quase uma espiritualidade feminina, inspirou a voz das meninas do terceiro, que expuseram os tratamentos que recebem diariamente. Todas as vezes que foram chamadas de loucas por expressarem algo, quando as deixaram desconfortáveis e

²⁰ Que na verdade é a versão contada pelos que “venceram” a guerra, é importante ressaltar que o Brasil, por exemplo, não foi colonizado, nem conquistado. Ele foi dizimado, pois já existia vida aqui. E nós não vimos isso na escola, essa parte é contornada.

²¹ É uma artista performática que iniciou sua carreira no início dos anos 70 e manteve-se em atividade desde então. Considera-se a “avó da arte da *performance*”. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente.

sentiram vergonha de si mesmas (me incluo nisso), quando nos interrompem enquanto estamos falando, quando deixamos de sair de casa por medo de estupro, quando sofremos abusos psicológicos, físicos e colocam a culpa na gente, *por que mulher é assim*.

Estamos fartas disso! O machismo está enraizado? Está. Pois então, cortemos o mal pela raiz. A raiz se inicia lá no começo, quando ainda crianças, tudo que aprendemos em casa nesses ambientes de trânsitos constantes são um reflexo do que nos tornamos. Quando aprendemos (ou não) a conviver com o outro, que é diferente de nós.

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. **Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever** por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com esse saber. (FREIRE, 2011, p 59-60)

Na sala, atingimos um consenso entre todos dessa turma de ensino médio, que iríamos nos preocupar com a presença de qualquer atitude machista e preconceituosa em nossas aulas, para que isso seja trabalhado ali dentro, lá fora e sempre. Pois sim, é trabalhoso, leva tempo e, sim, todos precisamos dialogar com a visão feminista.

A igualdade e a diferença entre os indivíduos devem ser compreendidas como um paradoxo que não é de fácil resolução, visto que, um contrapõe o outro, como sugerido por alguns, mais na verdade tratam-se de elementos independentes pertencentes a um ponto interconexo, como duas facetas de um mesmo fenômeno, e quando assim tratados, chega-se a um estado mais democrático possível na realidade da sociedade atual. (SCOTT, 1995, p. 71)

O ponto interconexo que trata Scott, são os **encontros**, ao meu ver, - pois proporcionam essa conexão de vários pontos de vistas diferentes, por onde o debate da educação permeia, é fundamental entender que a escola é um lugar político, onde

a discussão feminista serve de base para abertura de outras liberdades de expressão, de gênero, de sexualidade etc.

Assim as desigualdades sociais devem ser levadas em consideração no momento de instituição e aplicação das normas, caso contrário, leva a invisibilidade dos grupos oprimidos, gerando subordinação e desigualdade de direitos, ainda que o objetivo ao instituir uma lei universal não seja discriminatório. Isto é, um direito deve ser exercido de forma diferenciada entre indivíduos diferentes, e de forma igual entre indivíduos com as mesmas características sociais. (DIAS; JUNIOR, 2009, p. 106)

A vivência escolar, reflete na identidade de cada um, em como somos tratados e como aprendemos a tratar os outros. Não podemos deixar que ondas de ideias opressoras se proliferem e criem-se pensamentos, que podem se tornar ações preconceituosas, precisamos defender o que acreditamos, para *tornar o pessoal em político*²² e assim levar discussões em quaisquer lugares que ocuparmos.

Somos sujeitos históricos. De idas e vindas. De direitos. De conquistas. Como pode, de repente, toda essa luta ser desconsiderada, tornando-se *natural*, sem estender o olhar para o proceder de *isso ser isso por isso* e independente do *isso* que for, o respeito, é o melhor tratamento. O cultivo do respeito, para que gere empatia, carinho e fazer transbordar coisas boas e não o mal do próximo.

Dói viver em um país governado por pessoas que cultivam justamente o contrário. O autoritarismo, a violência como solução, como poder, matando o diferente (?), *bota fora da sociedade*²³. Opa, não bota fora da sociedade, a sociedade que aprenda a lidar com isso, que todas, todos e todes estamos aqui e não vamos sair.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta pelo mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural.” (FREIRE, 2011, p. 21)

Nesses passos, troquei ideias com muitas pessoas sobre o tratamento e sentimento de cada um para com suas escolas. As diferenças foram absurdas, todas interessantes de ouvir e sentir juntos aquela nostalgia, afinal escola é escola. Conversando com meu irmão certo dia, fiquei feliz por ter escolhido esse tema que

²² Autora Talia Jeremias

²³ Nome da *performance* do curso de Teatro da UNESC, onde os atores modelam pedaços de papéis pardos, criando corpos, contando a história de cada um deles. Corpos que a sociedade não entende e descarta, por não saberem lidar: botam fora.

estuda a formação sensível do sujeito histórico e de mudanças, pois percebemos que nossas vivências com a educação foram diferentes, nas palavras dele: *fui ensinado a sentar a bunda na cadeira e estudar, tipo decorar mesmo, focar no vestibular desde o ensino fundamental, era uma pressão que me acostumei e nem pensava que poderia ser diferente disso, minha escola botava pressão e eu acabava me pressionando muito também, parece que não me formei como pessoa na escola, era mais uma reprodução.*

Quando ouvi este relato, não foi nenhuma novidade. Não venho por meio disso criticar as instituições, venho relatar o que aconteceu conosco e como isso afeta muito o que somos e o jeito que pensamos hoje. Trago essa pesquisa como forma de nos comunicarmos. A comunicação é a chave para entender (ou pelo menos tentar compreender) o outro. E como existem diversos tipos de pessoas, existem também vários modos de comunicação. Mas o melhor instrumento de comunicação que eu tenho, que nós temos, é o corpo.

O corpo fala a todo instante, não é difícil ler, os olhos gritam e me preocupo como essa leitura está chegando em você, afinal, acredito na gente e peço desculpas se desconsiderarei algo seu aqui.

4.1 UM PONTO COM ENDEREÇO

Esta pesquisa, digo de antemão: não me representa da mesma forma que minutos atrás, porque agora, já sou outra, mas representa o que quero gritar para o mundo no momento em que escrevo. O que está preso aqui dentro, não tem mais espaço e quero soltar, mas sem soltar a mão de ninguém.

Em novembro de 2018 perdemos Gabriel Souza. Gabriel era luz. Cursava Teatro, mas já era um ator nato, muito bom tê-lo conhecido e estar por perto dele, quem o conheceu sabe que seu sorriso invadia e preenchia os lugares. Lembro-me de sua voz doce cantando “*você tem flores na cabeça e pétalas no coração*”²⁴. Um dia, acordamos com a notícia de que Gabriel não podia cantar mais e que todo o amor que ele espalhava rodando sua saia por aí, havia sido interrompido.

Um de nós, fora assassinado. Homofobia. Tempos de eleição. Descaso com a investigação. Nosso silêncio virou grito, demos as mãos e andamos de luto, de raiva! Para que outros saibam que não estamos sozinhos e não esqueceremos jamais o que aconteceu! Gabriel sempre estará presente em nossa luta, assim como todas e todos que estavam aqui fazendo história, ensinando coisas boas e foram assassinados por serem quem são!

Não foi falecimento, alguém fez isso e estou aqui, escrevendo minha monografia em Licenciatura por que não aceito isso! Quero ver mudança, quero que as pessoas tenham acesso à informação, contato com a arte, para que não se tornem assassinos, ou assassinados, que existem outras possibilidades, que podemos construir um mundo em que a vida seja valorizada e o amor seja cura, e enquanto isso não acontecer, temos que seguir fortes na resistência.

Dedico essa pesquisa aos professores e artistas que lutam todos os dias contra opressão, contra qualquer tipo de preconceito, contra a censura, contra o patriarcado, e claro contra os discursos de ódio, contra esse governo e, contra quaisquer formas de discriminação. Essa pausa é de repúdio, porque é inacreditável que ainda temos que justificar nossa existência e inadmissível que pessoas sejam mortas injustamente por não se encaixarem no padrão que alguéms acreditam ser o *correto*, isso não tolero.

GABRIEL PRESENTE, HOJE E SEMPRE!

²⁴ Música intitulada “Sem nome, mas com endereço” do cantor brasileiro Lineker e os Caramelows.

Tenho direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga tal qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação da minha briga porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser, não haveria por que ter raiva. Meu direito a raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo pré-dado, mas um desafio, um problema. A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de “ser mais” escrito na natureza dos seres humanos. (FREIRE, 2011, p. 73)

O que me leva (grita) ao terceiro *desvio*: **CAÇA-BANDEIRA**.

Depois do que havia acontecido, nos abalamos muito, muito mesmo. Estávamos desanimados, sem forças. Walter, meu melhor amigo, sempre esteve comigo nesse percurso de graduação, e se indignava quando saíamos na rua, e lá estavam todas aquelas bandeiras patrióticas estampadas nas camisetas, nas sacadas de prédios e nas janelas das casas. Isso nos deu raiva, pois era indissociável essas ondas de ações opressoras com a situação política do Brasil em 2018. Tivemos então, esse impulso de registrar um momento difícil que estávamos passando, de medo, de temer pela vida de nossos amigos, tempos de luta, em todos os sentidos. Fomos a caça das bandeiras, por Gabriel, por nós.

Imagem 5 Caça-Bandeira. Júlia Elena. Fotografia. 2018



Fonte Acervo da pesquisadora

Imagem 6 Caça-Bandeira. Júlia Elena. Fotografia. 2018



Fonte Acervo da pesquisadora

5. PROJETO DE CURSO: PONTO DE PASSAGEM

5.1 EMENTA

Expor problematizações de diferentes escolas públicas do município de Criciúma, pela visão das gestoras e gestores, professoras e professores de Artes que compõem esse cenário. Gerando possíveis meios para a organização do funcionamento da escola, beneficiando todos que nela convivem.

5.2 CARGA HORÁRIA

4 horas

5.3 PÚBLICO-ALVO

Gestores(as) e professores(as) de Artes de instituições públicas.

5.4 JUSTIFICATIVA

Discutir sobre a escola fora dela também é importante. Transitar por outros espaços e observar outros modos, outros percursos, é fazer o exercício de perceber o que nós mesmos estamos ensinando e aprendendo, o que acreditamos e o que não compactuamos. O objetivo desse passeio de ônibus pela cidade com professores(as) e gestores(as) de escolas públicas, seria possibilitar uma comunicação entre essas pessoas que cuidam da parte organizacional das instituições, para que haja troca de experiências, comparações, discussões e apresentações de ideias para melhorar os relacionamentos escolares.

Sem intenção de evidenciar a melhor instituição, ou a pessoa mais qualificada, não pensaremos individualmente, mas sim em coletivo, buscando qualificações numa escala maior, com foco na educação em nossa cidade e nossa região.

a formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim, através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas de (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional. (NÓVOA, 2009, p.25)

Nesse percurso, além das discussões sobre a escola, gostaria de propor uma proposta de *performance* em grupo, inspirado no meu trabalho *Linha de ônibus*, 2018,

realizado pelo balançar do ônibus, onde transformo-me em uma intérprete entre o movimento e o registro sobre o papel desse corpo-lugar móvel. Convidaria os participantes a deixarem ser conduzidos por esse acaso imprevisível, guiados por movimentos não seus, mas que passam por você. Por fim, teríamos a linha de ônibus de cada um, fazendo reflexões sobre a subjetividade e autonomia dentro das escolas. Pois apesar da semelhança de trajeto, a destreza e as singularidades de cada um tornam-se distintas, em seu modo de produção às cegas.

5.5 OBJETIVOS

5.5.1 OBJETIVO GERAL

Oportunizar diálogos sobre a escola, tendo como objetivo a troca de experiências que contribuam para melhorar a comunicação entre os integrantes que ela abrange.

5.5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a relação professor-aluno-gestor;
- Problematizar o autoritarismo e a hierarquização do saber na escola;
- Evidenciar práticas que podem contribuir para dar voz à autonomia dos alunos;

5.6 METODOLOGIA

Por meio de um passeio de ônibus pela cidade de Criciúma, a atividade se construiria a partir das conversas geradas com os professores(as) e gestores(as) das escolas públicas participantes. Nos encontraríamos no Terminal Central, localizado no centro de Criciúma. O ponto de partida seria encontrar possibilidades para que o espaço escolar se fortaleça coletivamente, criando um diálogo entre alunos(as), professores(as) e estudantes. Todas essas ideias seriam anotadas separadamente, para depois construirmos juntos um mapa de direcionamento para futuras ações.

Na sequência da proposta pretendo contextualizar brevemente o conceito de *Performance* para posteriormente realizarmos, uma *performance* em coletivo, com o intuito de repensar esse local cotidiano e o lugar da escola como possibilidade de novos caminhos, novas formas de relacionar-se com o outro, novas formas de mediar construções identitárias.

Entregaria uma folha e uma caneta para cada um e pediria que se sentassem de forma confortável para dar início a ação performática no interior do ônibus. Ao chegar no destino escolhido por nós, com o registro de cada linha em mãos, discutiríamos as sensações criadas por esse momento e construiríamos o mapa antes citado, com as sugestões de melhorias na educação. Chegando ao fim deste encontro, gostaria de pedir que tirassem uma foto e levassem para o conselho de classe de suas respectivas escolas, para que possam ampliar ainda mais o conceito de autonomia na escola, pois compartilhando a visão de cada um perante o sistema organizacional de ensino, é possível construir opiniões diferentes e possibilitar diversos olhares perante a autonomia dos alunos nas escolas.

Referência do projeto

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão.** Revista Educación. Madrid: 2009 p. 10.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas essas experiências em diferentes realidades escolares, finalizo esta etapa da pesquisa mais convicta ainda de que a escola precisa ser repensada por todos nós, alunos, professores, futuros professores, gestores, pela sociedade, para que caminhe em direção a um percurso mais justo, incluindo todas as formas de vida e o respeito a essa diversidade.

Na escola Ludovico Coccolo, vi como são inicialmente impostas responsabilidades organizacionais no cotidiano de crianças pequenas, impedindo a fluidez de sua imaginação, seu movimento livre e conseqüentemente a criação de seus próprios mundos. Como sugestão a esse problema, deixo minha contribuição, com propostas de atividades que as retirem desse sistema de cumprimento de horários, trabalhando o corpo e sua expressão. A escola tem o papel de preocupar-se com a formação sensível desses indivíduos e seu contato com a arte.

Com os integrantes da Escola de Ensino Fundamental Marechal Rondon pude perceber a comunicação entre alunos e gestão, alunos e professores. É importante que a gestão esteja envolvida com o cotidiano de todos os circulantes que a escola comporta. O professor deve ser o mediador desse processo criativo e não limitar as produções dos alunos. Os alunos, são pássaros voantes, em sua fase de experimentação, é preciso deixá-los experimentar os ares, evidencio a importância de contato com diferentes linguagens artísticas.

Com os jovens do terceiro ano, na Escola de Educação Básica Engenheiro Sebastião Toledo dos Santos, reafirmo a ideia de que cada vez mais é preciso trabalhar o corpo na disciplina de Artes, porque as pessoas se fecham, pois não sabem, não aprendem a expressar seus sentimentos. O Teatro e a *Performance* podem destravar essa manipulação de comportamentos emocionais e estéticos. O toque é necessário, deixar que a arte nos toque e assim traga possibilidades de mudança a nossa volta.

A arte, e o ensino dela, é um meio de mudar a sociedade em que vivemos, para que a escola seja, cada vez mais, um lugar onde todos sejam vistos como importantes atuantes e sintam-se acolhidos.

7. REFERÊNCIAS

- BIMBE, Linda. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 4-10.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do fundamental. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 04 de nov. 2019.
- COUTO, Mia. **Narrativa e incerteza**: Processos artísticos e pedagógicos. São Paulo: 32ª Bienal de São Paulo, 2016, s.n.
- DIAS JR, José Armando Ponte. O princípio Constitucional da Igualdade e a Lei Maria da Penha. **Nomos – Revista do Curso de Mestrado em Direito da Ufc**, Fortaleza, v. 29, n. 2, p. 103-121, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/nomos/article/view/6416> Acesso em: 30 de nov. 2019
- FREIRE, Paulo. Ensinar exige pesquisa. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 21-73.
- GIOVANELLA, Alessandra. Invenções cartográficas: uma poética da criação... imagens cotidianas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de et al. **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: Editora Ufsm, 2008. p. 91.
- GRAVATÁ, André et al. **Volta ao mundo em 13 escolas**: sinais do futuro no presente. 2013. Coletivo educ-ação. Disponível em: http://educacaoec21.org.br/wp-content/uploads/2013/10/131015_Volta_ao_mundo_em_13_escolas.pdf. Acesso em: 04 de nov. 2019.
- HONORATTO, Aurélia Regina de Souza. **Trajetórias cartográficas na formação de professores e professoras de artes**: espaços do possível. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Visuais, Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.
- JAHN, Alena Marmo; KIELWAGEN, Jefferson. **Catálogo ArtiCIDADE**: espaço de permormação. Joinville: Jefferson Kielwagen, 2013.
- LIBANÊO, Jose Carlos. **Organização e Gestão da Escola**: Teoria e Prática. 6. ed. São Paulo: Heccus, 2013. Cap. 1, p. 33.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: Uma questão pública. [s.l]: Autêntica, 2013. 176 p.
- MESQUITA, André Luiz. Arte-ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE DA UNICAMP, 2., 2006, Campinas. **Anais...**. Campinas: Anais, 2006. p. 1 - 7. Disponível em: https://desarquivo.org/sites/default/files/mesquita_andre_arte_ativismo.pdf. Acesso em: 05 nov. 2019.
- NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Revista Educación. Madrid: 2009 p. 10.

RIOS, Terezinha Azerêdo. "E se as unhas roessem os meninos?": vendo a formação ao modo - ou à moda - da filosofia. In: MARTINS, Mirian Celeste et al. **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural**. 2. ed. São Paulo: Terracota Edidota, 2018. p. 23-24.

SANTOS, Milton. **A natureza e o espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260 p. Disponível em: http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004. p. 8-95.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71, jul./dez. 1995.

STRAZZACAPPA, Márcia. Pensando sobre o corpo (ou dando corpo ao pensamento) na formação de professores: Dando um Norte (ou um Sul) para nossa conversa. In: MARTINS, Mirian Celeste et al. **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural**. São Paulo: Terracota, 2018. p. 96-104.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. A formação do professor e o ensino das artes visuais: o estágio curricular como campo de conhecimento. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando. A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria: Editora Ufsm, 2005. p.59 – 72.

VELOZO, Maria; OLIVEIRA, Marilda; FREITAG, Vanessa. Arte contemporânea: algumas reflexões. In: DUTRA, Ayrton. **Cartografias contemporâneas da arte-educação**. Santa Maria: Editora Ufsm, 2008. p. 15-33.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. Cap. 4. p. 90-91.

APÊNDICE A – *PONTO DE FUGA*

Quando a lua apareceu
 Ninguém sonhava mais do que eu
 Já era tarde
 Mas a noite é uma criança distraída
 Depois que eu envelhecer
 Ninguém precisa mais me dizer
 Como é estranho
 Ser humano nessas horas de partida
 É o fim da picada
 Depois da estrada começa uma grande avenida
 No fim da avenida
 Existe uma chance, uma sorte, uma nova saída
 Qual é a moral? Qual vai ser o final?
 Dessa história...
 Eu não tenho nada pra dizer, por isso jogo
 Eu não tenho nada pra morrer, por isso sonho
 São coisas da vida
 E a gente se olha e não sabe se vai ou se fica

(Rita Lee)²⁵

Eu escolho ir, para um dia voltar.
 Não me lembro de tudo, mas quem lembrará?
 No fim seremos poeiras estrelar.
 O que deixo é meu viver, minha sede de te ver crescer,
 florescer e ser o que tiver que ser.
 Escrever me conforta, mas não me abraça,
 o que preciso é de tuas asas para sairmos daqui, e voar, voar...
 aprender a descansar, para esvoaçar de novo;
 eu quero é alvoroço! Como é aquela palavra que uma vez disse o moço?
 Amor? Não, não, curioso.
 A curiosidade matou o gato,
 mas não matou a mosca que pousou na sua sopa para saber o gosto e
 olha que estava gostoso.
 Se eu lhe disser minha percepção você enxergaria como?
 Com seus olhos ou como somos?

²⁵ Trecho da música *Coisas da Vida* da cantora brasileira Rita Lee, lançado em 1976.

Até quando sua busca vai ser em prol do *plomo*
ao invés de estar prol ao povo.
Causou incômodo?
Ótimo, que seja indômito.
Que seja tu, nós, eles, elas,
ampliando para a frente e olhando para trás,
tropeçando e levantando, se cuidando, se amando.
Eu vivo para acreditar, esquecer, espero ter alguém para lembrar que
somos importantes, mas aqui ninguém é dominante.
Somos infinitos.
Somos tudo isso e mais um pouco.
Ainda tem muita coisa por vir.
Os sons despercebidos, agora, ouvidos, ressaltam o grito interno,
que passa a ser externo quando sai de si.
Não sei o dia de amanhã, mas sei que posso rebater o hoje,
que não é o agora, porque o agora demanda tempo e tempo vem de
dentro, de permitir que aconteça.
Passo a passo a gente vai,
essa jornada nos distrai
e nessa distração existem encontros, desencontros, desconexões
que se conectam e geram novas percepções, movimentos,
de fora para dentro.
De dentro para o hoje,
que não é agora,
porque o agora já passou.
Tá sentindo o mundo girando?
Como não?
Eu estou vendo você passar.
O passar aqui é deixar marcas, deixar seu pranto e espanto nesse
manto de acalanto.
Não aponte, passe a ponte, ande, veja, almeja, deixa,
mas se precisar me chame.
Apronte.

Se der sede beba da arte e avance!
Meu terminal também é começo, isso que *ainda já vivo*.
Espero teu apreço, mas tua crítica também será bem-vinda.
Nessa escrita aprendi que nada é certo,
e as coisas têm significados diversos,
na sua complexidade, pulso com a cidade, olho da janela
e contemplo os lares, lá longe e aqui nos bares.
Te desejo o melhor que puderes,
no lugar que nada acontece,
minha prece é que festejes, faça o teste,
é bom demais brindar a vida!

Julia Elena Alvarez Nobre Remor



Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYEHQXg5hg&t=3s>